

Luiz Eduardo de Oliveira
Emmanuel Antonio dos
Santos
Mário Valério Filho

P

AISAGENS EM TRANSFORMAÇÃO:
CULTURAS TRANSFORMADAS

050

pós-

RESUMO

O reflexo das múltiplas relações estabelecidas entre os diversos agentes sociais, e destes com o meio em que vivem, num processo contínuo de transformação dos espaços de vivência, manifesta-se de forma reconhecível na paisagem. Esta, enquanto resultado de construções históricas, preenche de sentidos, de símbolos, de identidades e de sentimentos de pertencimento do grupo, a uma determinada realidade espacial. Neste sentido, o presente trabalho tem como proposta contribuir para o diálogo sobre como modificações em elementos constituintes da paisagem podem alterar as significações e os reconhecimentos identitários de grupos sociais em seus espaços de vida. Desta maneira, buscou-se uma compreensão dos conceitos de paisagem e de suas características, bem como da forma com que esta se constituiu, enquanto resultado da dinâmica dos acontecimentos econômicos, sociais, políticos e culturais de grupos sociais. Considera-se que esta mesma paisagem não se resume apenas a percepções provindas de estímulos sensoriais locais, mas que antes se compõe de múltiplos entrelaçamentos de diversos fenômenos culturais e identitários que, sobre uma multiplicidade de escalas, constituem um mosaico dinâmico de realidades complexas.

PALAVRAS-CHAVE

Paisagem, identidade, morfologia e imaginário.

PAISAJES EN TRANSFORMACIÓN:
CULTURAS TRANSFORMADAS

RESUMEN

El reflejo de las múltiples relaciones establecidas entre los distintos agentes sociales, y de estos con el ambiente donde viven, en un proceso continuo de transformación en los espacios de vivencia, se expresan en los paisajes de una forma reconocible. Estos, como resultado de construcciones históricas, llenan a una determinada realidad espacial de significados, símbolos, identidad y sentimientos de pertenecer a un grupo. De esta manera, este trabajo tiene como propuesta contribuir al diálogo sobre cómo las modificaciones en los elementos constitutivos del paisaje pueden modificar los significados y los reconocimientos de la identidad de los grupos sociales en sus propios espacios de vida. Así, se ha buscado una comprensión de los conceptos de paisaje y sus características, y de la forma como ella se constituyó como resultado de la dinámica de los hechos económicos, sociales, políticos y culturales de los grupos sociales. Se considera que ese paisaje no se resume tan solo a las percepciones que provienen de los estímulos sensorios locales, sino que se compone de múltiples entrelazamientos de distintos fenómenos culturales y de identidades que, sobre una multiplicidad de escalas, constituyen un mosaico dinámico de realidades complejas.

PALABRAS CLAVE

Paisaje, identidad, morfología e imaginario.

LANDSCAPES IN TRANSFORMATION: TRANSFORMED CULTURES

ABSTRACT

The consequence of multiple existing relationships between the different social agents and those between these agents and the environment in which they live in a continuous process of transformation of their living spaces, is clearly manifested in the landscapes. When resulting from historical constructions, this landscape fills a given spatial reality with senses, symbols, identity, and feelings of groups. To this effect, this study discusses how modifications to the constituents of the landscape can change the meanings and the identity recognitions of social groups in their own living spaces. This article tries to understand the concepts and characteristics of landscape as well the way in which it has been formed as a result of the economic, social, cultural, and political dynamics of social groups. We consider that this same landscape is not limited to perceptions from local sensorial stimulations, but that it is composed of multiple interactions of different cultural and identity phenomena that, over multiplicity of scales, represent a dynamic mosaic of complex realities.

KEY WORDS

Landscape, identity, morphology, imaginary.

Figura 1: Multiplicidade e conflitos
Foto: Célio Jr. (*Habitação e Cidade*. Erminia Maricato. São Paulo, Atual, 1997)



INTRODUÇÃO

O conceito de paisagem pode assumir diversos significados, dependendo dos indicadores históricos, naturais e culturais presentes, o que torna sua interpretação uma tarefa complexa. A interação de múltiplas formas e aspectos, sejam eles culturais, econômicos, sociais e naturais, aliados aos acontecimentos históricos, é que imprime à paisagem o caráter de complexidade (Figura 1). O termo complexo aplica-se a este caso, pois, conforme MORIN (1995):

[...] a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. (MORIN, 1995, p.19)

Esta visão de paisagem complexa pode ser contraposta ao exame momentâneo e superficial de um olhar desavisado, que pode atrair para seu campo de entendimento apenas a significação momentânea inscrita na paisagem, e captar sua simbologia a partir de seu próprio momento e conforme suas experiências. Esta compreensão pode ser entendida a partir da significação etimológica da palavra, que nos leva a perceber a paisagem como algo que pode ser percebido pelo campo do olhar, ou pelo alcance da vista (BRUNET, FERRAS, HERVÉ, 1992). Levando em conta a complexidade da paisagem, BERQUE (1994) considera também que os momentos e as experiências pessoais interferem na apropriação do sentido da paisagem:

[...] a paisagem não se reduz aos dados visuais do mundo que nos cerca. Ela é sempre especificada de alguma maneira pela subjetividade do observador; subjetividade que é mais do que um simples ponto de vista óptico. (BERQUE, 1994, p. 4)

Em uma linha de argumentação semelhante, SANTOS (2008) atribui ao conceito de paisagem algo que esteja no domínio do visível, aquilo que a vista abarca, e associa ao conceito de paisagem às percepções de cada observador, tornando-a algo suscetível de diversas interpretações:

[...] A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferente; desta forma a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. (SANTOS, 2008, p. 67-68)

Em sua dimensão morfológica, considera-se a paisagem como sendo um conjunto de formas, que são estabelecidas pelos suportes ecológicos e pelos suportes antrópicos, em um determinado tempo histórico e em uma determinada área, para uma determinada cultura (SAUER, 1998).

Esta dimensão, ou seja, a dimensão morfológica, é a que, no presente momento e na presente situação, vai nos interessar de forma mais significativa, no sentido de associar as transformações culturais em função das alterações em suas estruturas. No contexto de Sauer, assume-se que, em essência, ela é uma forma adquirida por transformações ao longo de tempos históricos, decorrentes tanto de processos biofísicos (bióticos e abióticos), quanto das ações humanas (cultura) sobre o espaço em que atuam.

No entanto o caráter estrito da morfologia pode dar um sentido informal e comum ao termo, que, em certas situações, torna-se insuficiente para traduzir as imbricações ocorridas em determinados tempos histórico. Assim, valorizam-se as formas, dando maior atenção aos contornos da paisagem e buscando explicações nas formações e nas representações visíveis, em detrimento dos aspectos estruturais presentes em sua constituição, o que ignora a formação compartilhada e partilhada da paisagem, ou seu aspecto de integrada e integradora das realidades sociais (MENEZES, 2002), (SANTOS, 2002) e (SANDEVILLE JR., 2004).

Dentro desse contexto, em que sobressai a associação de sentidos entre os fenômenos espaciais e culturais, é que se considera a morfologia da paisagem como um trajeto entre o material e o imaterial, entre o que se constrói e como é construído, entre as formas e o como se produziram tais formas. Essa dinâmica de causa e efeito, inscrita de forma significativa na paisagem, revela um conjunto de possibilidades de interações que sobressaem em relação à simples identificação de formas ou à interpretação isolada dos fenômenos. A simples noção de forma, enquanto algo visível e palpável e que se traduz no concreto, não satisfaz plenamente a questão da paisagem. Nestas formas, ainda estão inscritos, como marcas indelévels, os processos e os elementos que a constituíram. Estão inscritos os sofrimentos, as alegrias, as identidades, os conflitos e os modelos evolutivos pelos quais a sociedade constrói sua identidade e sua historicidade.

No presente momento constituinte de historicidade, a interpretação das realidades não mais se faz apartada de acontecimentos externos e distantes dos símbolos locais. O dia a dia se agrega de experiências oriundas de outras realidades e se confunde com desejos e perspectivas próprias (SANTOS, 2009). Ao se considerar que homens e mulheres, atuando em um espaço específico, estejam de alguma forma influenciados por outras instâncias e escalas, há que se considerar também que estas mesmas instâncias e escalas contribuem para a (re)formulação da paisagem (HARVEY, 2009).

Assim, reconhecem-se, inscritos nesta heterogeneidade, elementos da identidade de diversos povos, que se somam a aspirações locais e constituem um mosaico simbólico e complexo. A sociedade, que no dia a dia convive com esta pluralidade de símbolos, cria imaginários advindos das interpretações dos mesmos e, influenciada pelos meios de informação, entende a realidade sob um ponto de vista subjetivo e individualizado. Sendo assim, permite-se justificar e atribuir coerência às suas atitudes no meio social e coletivo.

Tal maneira de justificar e atribuir coerência relaciona-se intrinsecamente com a existência do ser (ARENDR, 1989). Esta existência carrega-se de significados que advêm de suas experiências externas, de seu contato com o mundo exterior e do relacionamento travado entre o próprio ser e os demais membros de uma sociedade da qual ele faz parte. Embora tal momento se carregue de simbologias universais, é no local em que ela se realiza e é nas trocas entre pares que ela se efetiva. Neste contexto das trocas simbólicas entre pares, compreende-se HEIDEGGER (2011), no tocante à existência e sua própria compreensão:

O ser humano é um ente ontologicamente privilegiado porque em seu existir está em jogo o seu próprio ser; [...] Ele compreende a si mesmo a partir de sua existência. (HEIDEGGER, 2011, p. 21-22)

Sob o aspecto desta existência e compreensão, observa-se que ocorre a ênfase dos aspectos externos e seus relacionamentos:

A existência humana está, desde o começo, "aí fora" junto dos entes do mundo, de tal modo que nenhum mundo interior, subjetivo, pode ser demonstrado [...] Ela existe sempre com eles, em relações definidas pelos significados percebidos nestes entes. (BOSS, 1979, p. 183, 184)

Assim posto, cabe questionar se, além dos relacionamentos e identificação dos elementos, há a compreensão dos aspectos inscritos na paisagem, e se, de uma maneira direta ou indireta, ocorre, em conjunto, a identificação dos fenômenos que a constituíram como causa e efeito das ações naturais e antrópicas sobre o espaço. Bem como se ocorre, concomitantemente, a auto-identificação nos elementos da paisagem e o reconhecimento da capacidade de alteração do meio e de atribuir sentidos às formas e transformações realizadas. Tal

questionamento se faz presente e necessário, na medida em que as visões e observações são construídas por ideologias que apontam para uma pseudo-realidade.

Um exemplo são as apreensões superficiais e momentâneas de conteúdos inscritos na paisagem, associando-os a conceitos distorcidos, oriundos de agentes de influência direta. O caso de plantações de eucalipto é emblemático neste sentido, pois traduz uma visão ecológica baseada em conceitos de "reflorestamento" que supostamente repõem determinada condição natural preexistente. No entanto a paisagem de

Figura 2: Plantações de eucaliptos
Foto: Ciflorestas, 2011.



¹ O termo refere-se aos conceitos definidos por Peter Burke em relação às trocas, conexões e traduções interculturais (BURKE, P. *Hibridismo Cultural*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2003).

uma monocultura do eucalipto vela outros fatores de forte influência socioambiental e socioeconômica. A compreensão de tais fatores passa necessariamente pela observação atenta e desvinculada de conceitos superficiais e generalizada.

Estas compreensões superficiais têm como princípio básico um reducionismo, que se baseia no fato de que, a partir das aparências, possam-se identificar os elementos presentes no embate entre o homem e o próprio homem, e deste com o meio, configurando e reconfigurando assim o espaço em que vivem (GOMES, 1996).

Diversas situações podem ser descritas, que se assemelham ao exemplo do eucalipto e cuja problemática, para a questão do entendimento da paisagem, é a possível associação dos diversos significados e simbologias ali presentes a uma reflexão sobre os fenômenos e processos (re)conhecidos e (re)escritos em conjunto. Nestas condições, entende-se que o imaginário e o reconhecimento das condições dadas comportam interpretações que, por diversas vezes, atuam em sentido contrário. Nesta visão, como se fosse um cenário, a paisagem é interpretada como sendo algo de caráter acessório, que dificulta o entendimento de que as ações e culturas historicamente estabelecidas estão presentes em sua formação.

Sociedade e paisagem

Um das características do atual momento histórico é a multiplicidade de formas territoriais de que se compõe o mundo contemporâneo. Dentro dessa característica, a questão da constituição dos territórios a partir de redes é a que atende aos interesses específicos do modelo econômico vigente no atual momento histórico, por ser tanto flexível, quanto articulável. Entende-se que a definição de território passa por diversos vieses, incluindo definições de diversos ramos das ciências. O que se observa de comum, no entanto, é definição de território como sendo a percepção da apropriação do espaço em nome de uma coletividade ou de um grupo. Algumas outras constituições mais elaboradas incluem a noção de malhas, nós e redes, na definição do território (RAFFESTIN, 1993). A questão da apropriação do espaço se relaciona com a questão de posse ou de controle simbólico de determinada área geográfica, por estar atrelada à questão de posse momentânea, ligada a um determinado tempo (LEFEBVRE, 1986). Esta definição torna-se importante, quando consideramos ainda o território não apenas constituído de poder político, mas também como um espaço de identidade, um espaço de referência cultural, capaz de sustentar múltiplas identidades socioculturais (HAESBAERT, 2004):

[...] Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos agentes que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. (LEFEBVRE, 1986, p. 411)

Nesta vivência e convivência concomitante entre múltiplos territórios e múltiplas territorialidades, o sujeito combina diversas impressões e forma sua realidade concreta, que é reconstruída a cada momento e a cada nova impressão. Este conceito aplica-se ao que se conhece por hibridismo cultural¹, que o atual

Figura 3: Hibridismo cultural – Lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim
Foto: Coutinho, 2008.



momento histórico possibilita, por prover uma mescla de identidades por meio da combinação de diferentes fatores e realidades convivendo sobre um mesmo espaço, que se dinamiza e se (re)estabelece a cada instante.

Assume-se de antemão que o primeiro território é o do corpo, e este, enquanto instância e agente de transformação do meio, sofre influências e ao mesmo tempo gera influências em sua própria realidade. No entanto as influências exercidas na realidade do sujeito estão mediadas e condicionadas por outros agentes de transformação da realidade, que muitas vezes atuam de forma velada e atrelados a ideologias que podem não ser condizentes ou representantes das necessidades do sujeito primeiro. Não ocorre nada de novo, neste aspecto de interferência na realidade por intermédio de atuações veladas, como já nos mostrava Hegel:

[...] o homem transforma ativamente a realidade, mas quem impõe o ritmo e as condições dessa transformação ao sujeito é, em última análise, a realidade objetiva. (KONDER, 1987, p. 23)

Aqui se entende que a realidade compõe-se de múltiplos aspectos, que em muitos casos deixamos de apreender, e tais aspectos condicionam, de forma inconsciente ou não, de maneira direta ou indireta, nossa maneira de enxergar as coisas. Corre-se o risco, então, de assumirem-se posições unilaterais, mediadas por visões parciais, apartadas de uma realidade mais geral e totalizadora. Atribuem-se diferentes escalas às diversas realidades pelas quais o sujeito compreende seu mundo (HARVEY, 2009). O corpo é o primeiro território, e a maneira como se enxerga o corpo ou se atribui importância a ele condiciona a significação das diversas outras escalas. HARVEY (2009) apresenta que escalas de compreensão do mundo incluem o lar, comunidades e nações. No entanto, partindo desse mesmo argumento, pode-se ampliar o conceito, incluindo o corpo, o lar, o vizinho mais próximo, a rua, o bairro e assim sucessivamente, até que se tenha uma visão totalizadora, de toda uma realidade dada e sua significação. Esta visualização final está intimamente ligada aos relacionamentos travados nessas diversas escalas. Os embates, as contradições e os conflitos realizados nas diversas escalas formam a visão geral que o sujeito adquire na compreensão do mundo. Este sentido de mundo, essa significação

das coisas, foi sendo construído, tomou forma e corpo, conheceu importância e se fundamentou por meio dos relacionamentos com outros sujeitos e dos relacionamentos com os objetos:

[...] é a partir das relações que o homem e as coisas se definem e não ao contrário, ou seja, a partir do homem e das coisas que as relações se determinam. (HEIDEGGER, 2011, p. 19)

Esses relacionamentos não se manifestam da mesma maneira em diferentes escalas, ou seja, o que ganha importância em determinada escala, não é necessariamente importante em outra escala (HARVEY, 2009). No entanto, mesmo que as relações mudem de uma escala para outra, seus efeitos podem ser sentidos nas diversas escalas em que o sujeito circula ou de que depende. No desdobramento dos relacionamentos com os objetos e sujeitos locais, constrói-se uma realidade mais global.

Sabemos, não obstante, que não se pode entender o que acontece numa dada escala fora das relações de acomodamento que atravessam a hierarquia de escalas – comportamentos pessoais (por exemplo, dirigir automóveis) produzem (quando agregados) efeitos locais e regionais que culminam em problemas continentais, de, por exemplo, depósito de gases tóxicos ou aquecimento global. (HARVEY, 2009, p. 108)

Visualiza-se a dinâmica de acontecimentos que de forma direta vão contribuindo para a composição do entendimento de mundo. Daí explicita-se que o fator local, seja ele o corpo, o lar, o vizinho mais próximo, a rua, o bairro ou a cidade onde o sujeito vive, é que, em última análise, reforça as condições de uma formação coletiva de apreensão da realidade. E esta localidade pertence a uma hierarquia de outras localidades, que, em conjunto, influenciam e são influenciadas de forma mútua e constante.

Entretanto o sujeito, enquanto agente isolado em seu meio, representa apenas possibilidades de interação. É no convívio com demais agentes que se constrói a história. As múltiplas interações entre diferentes ópticas, ou pontos de vista, possibilitam a construção de um mundo, sendo este o espaço de atuação e reconfigurações por parte dos sujeitos que o compõem. Tal espaço modifica-se e é modificado, configura-se e é configurado de acordo com os modelos econômicos, com os interesses coletivos, com as técnicas aplicadas sobre e no espaço e a atuação de homens e mulheres que, vivendo e atuando na sociedade, adquirem interesses específicos, que conformam a produção social do espaço. Assim, entende-se que a paisagem resulta de uma forma de ação que é realizada socialmente. Esta se dá por meio de relações econômicas e sociais que se concretizam no espaço ocupado, gerando diferentes formas de organização desse mesmo espaço:

[...] A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 2004, p. 141)

Figura 4: Casarões Barões do Café e Eucalipto – Marcas na paisagem: O passado e o presente
Foto: Resende, 2009.



No meio social, os movimentos das relações econômicas e sua própria dinâmica, mediados por seus agentes e atores, atuam de forma a conformar as paisagens, (re)criando e (re)produzindo novas configurações espaciais e novas paisagens, aplicando os instrumentos correspondentes ao momento histórico:

O homem vai construindo novas maneiras de fazer coisas, novos modos de produção que reúnem sistemas de objetos e sistemas sociais. Cada período se caracteriza por um dado conjunto de técnicas. Em cada período histórico, temos um conjunto próprio de técnicas e de objetos correspondentes. (SANTOS, 2008, p. 74)

É possível observar, em espaços e momentos específicos, a conservação dos diversos períodos históricos “presos” na paisagem e imbricados entre si, de modo a significar e (re)significar as condições dadas.

Desta maneira, pode-se considerar espaço ocupado não apenas como mera base de sustentação das diversas relações que correm sobre ele e nele, mas como um espaço de vida (FREMONT, 1980), que é construído e reconstruído segundo diversos aspectos que necessariamente envolvem os interesses de grupos sociais, as identificações identitárias de diversos grupos sociais atuando em conjunto, as técnicas utilizadas no período e as afirmações das percepções do meio em que homens e mulheres atuam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A simples consideração da forma e dos contornos externos da paisagem pode não traduzir, de maneira objetiva e concreta, o conjunto de interações e diálogos estabelecidos nos diversos tempos históricos que constituíram a paisagem. Esta se estabelece sob um complexo entrelaçamento de modelos produtivos, de ações de grupos específicos, de interligação de identidades, de histórias vividas e compartilhadas, de percepções mútuas e de interações entre

Figura 5: Os conflitos conformados na paisagem (O *Modus Vivendi*)
Foto: Martins, 2011.



diferentes conceitos. A simples consideração da forma, ou aquilo que a vista alcança, não revela o conteúdo intrínseco e indelevelmente escrito e reescrito nas transformações ocorridas durante os diversos embates entre os agentes que constroem a paisagem.

A paisagem, como um palimpsesto, revela, assim, a história dos agrupamentos sociais, o *ethos* como um valor de identidade social, pois reflete o *modus vivendi* deste mesmo agrupamento e a maneira como se relaciona com o meio e o espaço em que atua. A partir dessa dialética, se identificam e criam significações da realidade, de maneira a conformar as relações contrárias (Figura 5) e expressar suas culturas.

Transformações impostas a essa paisagem, sem considerar devidamente os diversos tempos históricos, as diversas realidades que a compõem, os diversos embates ideológicos e as diversas produções socioespaciais, tendem a criar desequilíbrios momentâneos, gerando perturbações na apreensão da nova realidade. Esses desequilíbrios momentâneos podem direcionar visões e distorcer conceitos estabelecidos e, em conjunto, tendem a criar conflitos em relação ao modelo vivido e convivido até então. A necessidade de uma rápida adaptação, por parte do sujeito, às transformações na paisagem estabelece mecanismos de concepção da realidade que atropelam as reinserções de conjunto, e cria uma realidade intermediária entre o fato dado e o *ethos* desejado. Problemas de ordem ambiental, por exemplo, podem sugerir que uma crise de identidade se estabeleceu a *posteriori*, não constituindo uma experiência construída a partir dos diálogos com a nova realidade, e não gerando, portanto, a impressão correspondente à situação dada. Transformações drásticas na paisagem, ou mesmo agregações de elementos estranhos podem gerar possibilidades. Estas, por sua vez, podem resultar em desagregações.

Sugere-se, assim, que as transformações na paisagem e sobre ela deveriam ser construídas em conjunto com os grupos sociais que a constituíram e que a constituem a cada momento vivido, e que os elementos agregados devam ter o necessário tempo para sua apreensão. Poder-se-ia pensar, então, na possibilidade

de uma transformação da paisagem com o intuito de confundir, de mascarar identidades e de atuar como elemento desagregador das relações preexistentes no meio social, quando segue intencionalmente estratégias de controle com fortes conotações ideológicas.

A partir disso, é possível, ainda, entender os conflitos culturais, no contexto do atual momento histórico, como sendo a tramitação de ideias e de culturas heterogêneas, de um local para outro, de forma constante e, em alguns casos, instantânea. Isto ocorre graças aos processos de comunicação e dos avanços tecnológicos, e da forma e velocidade com que estes se incorporam no dia a dia dos sujeitos. Em certo aspecto, entendem-se estes deslocamentos de ideias como sendo um “empréstimo cultural”, que, em determinados momentos e circunstâncias, podem não encontrar “lugar” no local para onde foram transplantados, o que sugere a ocorrência de conflitos com as ideias e culturas predominantes. No entanto estas possibilidades de conflitos não eliminam a possibilidade do reconhecimento e de adaptação das ideias e culturas exógenas no meio, o que, por meio de um conflito inicial, possibilita a agregação de um novo elemento à paisagem. Esta agregação pode ocorrer de forma harmônica e se misturar às realidades preexistentes, ou, ainda, de forma violenta, destacando-se na paisagem e transformando-a segundo suas necessidades. De qualquer forma, essas misturas de ideias e culturas, em um mesmo local, condicionam o entendimento da totalidade no atual período, pois este se manifesta em contexto de múltiplas escalas e de múltiplas identidades. A apreensão de tal realidade deve ser acompanhada da mesma análise e da capacidade de entender a paisagem também sob o aspecto de múltiplas interações escalares e identitárias.

Assim, as transformações na paisagem tendem a influenciar de forma contundente as dinâmicas sociais e individuais, na medida em que novas conformações devem ocorrer para assegurar a assimilação, a (re)interpretação e as (re)significações dos novos modelos propostos. Pois, nesse sentido, o movimento contínuo de ações sobre o real (entendido como dinâmica de acontecimentos históricos entre sujeitos relacionando-se socialmente e com a natureza) forma a história. E esta é formada, enquanto *práxis*, ou seja, nas inseparáveis inter-relações entre os modos e meios de produção, os agentes da produção e os resultados de tais produções (CHAUI, 1985). Ainda que possamos considerar que as condições de transformação das existências sociais não sejam, a princípio, dadas pelos próprios agentes de transformações, mas, antes, imbricadas de sentido externo, ainda assim, essa é a história da sociedade, e é essa transformação social, imbuída de transformações econômicas, políticas e culturais, que se encontra marcada na paisagem.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. *A condição humana*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 338 p.
- BERQUE, A. *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Vallon, 1994. 122 p.
- BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global: Esboço Metodológico. *Revista Ra'E GA*, n. 8. Curitiba: Editora UFPR, 2004, p. 141-152.
- BOSS, M. *Na noite passada eu sonhei*. São Paulo: Summus, 1979. 205 p.

- BRUNET, R.; FERRAS, R.; HERVÉ, T. *Les mots de la géographie*: Dictionnaire critique. Montpellier: Reclus, 1992. 470 p.
- CHAUÍ, M. *O que é Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 125 p.
- CIFLORESTAS. *Porto Seguro vai sediar conferência internacional sobre eucalipto*. Publicado em 04/11/2011. Disponível em <URL: <http://www.ciflorestas.com.br/conteudo.php?id=6325> >. Acesso em 10/02/2012.
- COUTINHO, A. *Festa do Senhor do Bonfim*. Publicado em 15/05/2008. Disponível em <URL: <http://turbinasdeideias.blogspot.com/search?q=Lavagem+das+Escadarias> >. Acesso em 25/02/2012.
- FREMONT, A. *A região e o espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.
- GOMES, P. C. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996. 366 p.
- HARVEY, D. *Espaços de esperança*. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 382 p.
- HAESBAERT, R. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre: 2004. Disponível em: <URL: <http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE%20Rogerio%20HAESBAERT.pdf> >.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes/ Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011. 598 p.
- KONDER, L. *O que é dialética*. 17 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 87 p.
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986. 485 p.
- MARTINS, S. B. *O Rio e a transformação dos conflitos em paisagem*. Rio de Janeiro: O Globo, 2011. Disponível em <URL: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/08/06/o-rio-a-transformacao-dos-conflitos-em-paisagem-396849.asp> >. Acesso em 02/01/2012.
- MENEZES, U. B. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. (org.) *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. 177 p.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.
- REZENDE, M. *Ação eco socialista: Apoio à "Dona Dita", de São Luis do Paraitinga*, 2009. Disponível em <URL: <http://acaoecosocialista.wordpress.com/2009/04/24/apoio-a-dona-dita-de-sao-luiz-do-paraitinga/> >. Acesso em 12 maio 2010.
- SANDEVILLE JR., E. *As sombras da floresta: Vegetação, paisagem e cultura no Brasil*. 1999. 371p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- SANTOS, E. A. *As paisagens do plano e os planos da paisagem: Da paisagem no planejamento ao planejamento com a paisagem*. 2002. 206p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 132 p.
- _____. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. 18 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 174p.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998 p. 12-74.

Obras consultadas

- ARCHAEOETHNOLOGICA** – Arqueologia, Etno-história e Etnologia. Habitat Rural e Paisagem na Antiguidade, 2012. Disponível em <URL: <http://archaeoethnologica.blogspot.com/2012/01/habitat-rural-e-paisagem-na-antiguidade.html> >. – Acesso em 23/02/2012.
- CASTRO, I. Imaginário político e território: Natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, GOMES e CORREA. *Explorações geográficas: Percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997, p. 155 – 196.
- LACOSTE, Y. *A geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988. 263p.

RODRIGUES, T. *Rede ambiental do Piauí denuncia a Secretaria do Meio Ambiente*. Brasil Portais em 26/02/2010. Disponível em <URL: <http://180graus.com/cidades/rede-ambiental-do-piaui-denuncia-a-secretaria-do-meio-ambiente-299190.html> >. Acesso em 12/10/2011.

VOLTAN, R. Roteiro temático: São Paulo cidadão do mundo. *Revista Veja São Paulo On Line* em 09/09/2011. Disponível em <URL: <http://vejasp.abril.com.br/especiais/roteiro-sp-cidadao-do-mundo>>. Acesso em 15/12/2011.

Nota do Editor

Data de submissão: Abril 2012

Aprovação: Setembro 2012

pós- | 063

Luiz Eduardo de Oliveira

Biólogo, mestre em Planejamento Urbano e Regional, professor da Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo (Feau) da Universidade do Vale do Paraíba (Univap).

Rua Porto Novo, 300, ap. 26B, Jd. Satélite
12230-060 – São José dos Campos, SP, Brasil
(012) 3302-1547
edupamg@hotmail.com

Emmanuel Antonio dos Santos

Arquiteto e urbanista, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela USP e pós-doutorado no Instituto Universitario di Architettura di Venezia (IUAV). Professor da Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo (Feau) da Univap.

Av. Shishima Hifumi, 2911 IP&D
12244-000 – São José dos Campos, SP, Brasil
(012) 3947-1134
emmanuel@ita.br

Mário Valério Filho

Engenheiro agrônomo, doutor em Agronomia pela USP. Professor da Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo da Univap (Feau).

Av. Shishima Hifumi, 2911 IP&D
12244-000 – São José dos Campos, SP, Brasil
(012) 3947-1134
mvalerio@univap.br